



Título: Perspectivas decoloniais da cooperação alemã na Amazônia

Data: 21.10.2023

Horário: 10.00- 12.00 Uhr

Palestrantes: Pedro Affonso Ivo Franco

Moderação: Thomas Fatheuer

Protocolo: Almute Heider

Procedimento planejado:

1. apresentação
2. perguntas
3. grupos de trabalho com atribuições de trabalho

Pedro Ivo tem mestrado em Relações Culturais Internacionais. Ele também é músico. Analisou a cooperação para o desenvolvimento em relação ao clima ("Climate policy from a decolonial perspective"). Atualmente, ele está pesquisando como desenvolver uma lista de verificação para cooperação na Amazônia de forma decolonial.

Parte 1: Apresentação:

Pedro apresenta um estudo que ele fez junto com Marina Caetano. O estudo foi o resultado de uma chamada de propostas sobre "Descolonização e Clima" do IFA (Instituto de Relações Exteriores), que recebe financiamento do Ministério Federal das Relações Exteriores (AA). O IFA realiza sua própria pesquisa e lança editais de licitação para a pesquisa. O estudo concluído está disponível em inglês e português. Há também um podcast de 20 minutos. <https://www.ifa.de/podcast/deep-dive-decolonial-perspectives-in-climate-policy-with-marina-caetan-and-pedro-affonso/>

Eles tinham 1,5 anos para o projeto de pesquisa, mas o tempo nas comunidades é diferente. Essa também é uma ideia colonial, a de que as comunidades fazem as coisas no tempo que nós mandamos.

A ideia por trás da pesquisa era descobrir como educar melhor os brasileiros sobre o clima e a cultura. E eles se concentraram na contribuição dos brasileiros, porque descobriram que é possível inverter a lógica de "o Norte tem que ensinar algo ao Brasil" ("fazer treinamento") e perguntar: quem faz o quê para quem? Eles também queriam mudar a ideia de que a Amazônia consiste apenas de árvores e água. É por isso que eles definiram legalmente a Amazônia como uma área de pesquisa.



A maior parte do dinheiro da cooperação estatal alemã para o desenvolvimento é gasta na Amazônia, e a maior parte não é destinada a iniciativas na cidade.

Do pós-colonialismo à descolonização: a descolonização não se refere apenas à colonização no sentido de "Mas a Alemanha não colonizou o Brasil", mas a palavra descolonização é muito mais geral e se refere ao controle no sentido financeiro, mental, psicológico etc. ("mind set").

Colonização é, por exemplo, o uso de uma pessoa com caráter representativo que não tem permissão para opinar nas decisões. Por exemplo, os representantes das comunidades indígenas são consultados durante as negociações sobre o clima, mas mais para usar as imagens do que para participar do acompanhamento dos processos. Os resultados das negociações dependem muito mais dos formuladores de políticas. No estudo, eles chamam a atenção para essa deficiência.

Estereótipos: A palavra Amazônia em si não é uma palavra que vem da região. Há vários estereótipos positivos, como "pulmão do mundo", "o bom selvagem", que não são realistas. Alemães como Humboldt também contribuíram para essas imagens estereotipadas.

Conhecimento e decisões:

- Em algumas comunidades, eles ouviram: "Os gringos sabem mais sobre nossa região do que nós". E há dinheiro a ser ganho com esse conhecimento. Portanto, o estudo pergunta: Quem são os "especialistas" da Amazônia?

- Na opinião de muitas comunidades, os interesses da cooperação internacional para o desenvolvimento não levam em conta as condições locais, por exemplo, a cooperação para o desenvolvimento quer que as árvores sejam protegidas, mas como as pessoas podem fazer isso se estão com fome?

- Há uma simultaneidade de bons projetos de cooperação para o desenvolvimento (por exemplo, no Acre), por um lado, e a exploração por meio de projetos industriais, que também são realizados com investimento estrangeiro, por outro. O desejo de proteger e o desejo de explorar ocorrem ao mesmo tempo, o que dificulta a compreensão da cooperação para o desenvolvimento alemã (ou de outros países).

- A cooperação para o desenvolvimento deve se perguntar se prefere trabalhar com alguém que não pode fornecer faturas, mas que causa um bom impacto, do que com alguém que pode fornecer as evidências, mas cujo impacto talvez seja menor. Os requisitos administrativos precisam ser examinados. É preciso pensar mais "fora da caixa".

Conclusão: Não há resposta nem receita para a cooperação para o desenvolvimento decolonial, mas há sementes e as discussões estão começando.



Parte 2: Discussão:

- O que conta, em última análise, para a AA são as relações intergovernamentais. A cooperação para o desenvolvimento estatal (EZ) é vista como soft power, o nível micro para melhorar as relações.

- Pergunta: O que há de diferente em sua abordagem de descolonização em comparação com as palavras da EZ: EZ feminista etc.?

Resposta: As pessoas que trabalham na cooperação para o desenvolvimento geralmente não conseguem implementar processos descoloniais enquanto as narrativas da organização não forem alteradas. Se as mudanças não vierem do topo das instituições, elas não ocorrerão; as pessoas que estão na base não podem mudar nada. Exemplo: O Museu Britânico agora quer devolver os tesouros de arte, mas não foram os funcionários que exigiram isso.

Discussão: A pressão tem de vir de baixo para que os "grandes elefantes" se movam. Mas o grande elefante está em uma sala pequena e, portanto, move-se lenta e cuidadosamente para não destruir a sala.

- As autoridades no Brasil aceitam o que vem do exterior. É difícil exercer pressão sobre essas autoridades para que negociem melhor com a cooperação internacional para o desenvolvimento. No entanto, Pedro acredita que o processo de descolonização está ajudando a trazer mais igualdade nas relações.

- Alguns dizem que a ajuda dos países ricos não é ajuda, mas uma obrigação. E que o dinheiro deveria ser administrado pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento). Ou que deve haver fundos para os povos indígenas que os próprios povos indígenas administrem. Isso é visto como uma nova forma de cooperação.

- O BMZ (ministério federal de cooperação para o desenvolvimento) diz que o governo brasileiro não quer participação

- A ABC (Agência Brasileira de Cooperação) é um instrumento colonial. Ela entende a cooperação internacional em um sentido tecnocrático. Talvez seja mais fácil exercer influência política sobre as autoridades alemãs do que sobre as brasileiras. A única instância no Brasil que seria receptiva a isso talvez seja o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty).

- As autoridades alemãs querem ajudar, mas será que as medidas realmente ajudam? Ou elas apenas criam a sensação de serem "boas"? A cooperação para o desenvolvimento sempre foi um dos instrumentos da "colonialidade" (que vai além da colonização). Se você coopera para promover a autonomia, tudo bem, mas se coopera para manter o sistema, isso não tem nada a ver com descolonização.



- Pedro Ivo acredita que não faz sentido ser contra a cooperação internacional para o desenvolvimento. Ele prefere fazer a pergunta: se a EZ já existe, como ela pode ser melhorada? Ele é a favor de fundos incondicionais, ou seja, um financiamento que não esteja vinculado a nenhuma regra (em que prazo o resultado deve ser alcançado).

- Um funcionário de uma organização de desenvolvimento diz que sua organização realmente passaria os desenvolvimentos para as mãos locais depois de 2 a 4 anos, mas que não há dinheiro suficiente para continuar. Pedro responde que é importante definir o que você deseja alcançar com a ajuda. Um produto ou impacto concreto ou apenas plantar uma semente? A mudança sistêmica não pode ser alcançada em 2 a 4 anos. A avaliação do que constitui um impacto é fundamental.

- A lógica do projeto de obter resultados após um determinado período de tempo também é usada pelos próprios brasileiros. Pedro concorda e, ao mesmo tempo, ressalta mais uma vez que o tempo corre de forma diferente na floresta tropical. Os processos de sustentabilidade e mudança levam mais tempo.

Parte 3: Sem AGs

Como o tempo está se esgotando, permanecemos no plenário e escolhemos um dos três tópicos propostos para os grupos de trabalho discutirem mais.

Tópico: energias renováveis

- Hidrogênio verde: está sendo anunciado como uma fonte de energia nova e limpa. Os problemas são o armazenamento e o transporte, que envolvem muita água e energia. Há muitos investimentos do governo alemão para utilizar esse hidrogênio para diversificar ainda mais as fontes de energia. O hidrogênio também deve ser exportado. Quem está financiando isso? Os governos iniciaram um processo de captação de recursos em nível internacional.

- O hidrogênio verde permite a exportação de energia elétrica. Até agora, a eletricidade era produzida e distribuída em nível nacional. O petróleo podia ser transportado, mas a eletricidade não, mas com o hidrogênio verde isso é possível.

- A eliminação gradual do carvão como fonte de energia, que está ocorrendo atualmente na Europa, está causando um novo processo colonial no Sul. O governo alemão também quer fazer um uso maior da biomassa, mas há uma lei que determina que a biomassa não pode ser importada. Isso não se aplica a outras energias renováveis.

- A pressão sobre as comunidades está aumentando porque o Brasil agora produzirá energia como uma “commodity global”.

- O modelo extrativista que já existe será intensificado. E esse é um modelo colonialista.



- Parques eólicos: quando chegaram aos países do Sul, as consequências (não para os pássaros etc., mas para a população) já eram conhecidas. No Brasil, há cada vez mais reclamações de comunidades que sofrem com os parques eólicos. Mas as autoridades não estão abertas à discussão.
- O pensamento é sempre voltado para o crescimento! Seria melhor economizar energia ("decrecimento") em vez de produzir mais e mais energia.
- É importante fazer uma distinção entre ser contra a energia e ser contra as formas pelas quais ela é produzida e implementada. Também é importante que os benefícios da implementação da energia renovável permaneçam locais.
- As pessoas precisam ser bem informadas. Se isso não acontecer e os contratos forem firmados entre as empresas e a própria população rural, as pessoas comuns geralmente são enganadas.
- Toda forma de produção ou geração de energia tem um impacto. Portanto, sempre haverá perdedores, mas quem perde e quem ganha? É mais uma questão de minimizar o impacto negativo.
- O nordeste do Brasil tem necessidades como alimentos, energia e água - por que ele deveria contribuir para o fornecimento de alimentos, energia etc. na Alemanha?
- A lógica do nosso mundo é que muitas pessoas precisam estar mal para que algumas pessoas estejam bem. As necessidades de algumas pessoas são mais importantes do que as necessidades de outras.
- Precisamos de uma política governamental clara que seja influenciada e monitorada pela sociedade civil. Também devemos analisar melhor os possíveis efeitos positivos e fazer propostas proativas.
- As turbinas para usinas de energia eólica geralmente vêm da Siemens, e a manutenção também é realizada pela Siemens. O Brasil não produz esses itens, mas poderia fazê-lo e usar a tecnologia para o benefício de sua própria população.
- Produção de petróleo na Amazônia: Onde estão os riscos e onde estão os benefícios? Quem produz e vende isso e fica com os lucros sabe exatamente onde estão os riscos.
- Os especialistas em hidrogênio verde não estão baseados na Alemanha, mas também no Brasil. Mas os projetos de desenvolvimento do hidrogênio verde são financiados pela Alemanha.